

A DEFINIÇÃO DE ARTE

O essencial

Aires Almeida



PLÁTANO EDITORA

ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO

1. O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO DE ARTE

Qual é a dificuldade?
Para quê uma definição?
Que definição?

2. RESPOSTAS ESSENCIALISTAS

A arte é representação
A arte é expressão
A arte é forma significante

3. RESPOSTA CÉTICA

Um conceito indefinível
Aplicar o conceito de arte

4. RESPOSTAS NÃO-ESSENCIALISTAS

A arte é uma prática institucional
A arte é a renovação de uma tradição histórica

5. ALTERNATIVAS À DEFINIÇÃO

Narrativas históricas
Agregados de características

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

PREFÁCIO

Este livro foi escrito a pensar em quem procura, pela primeira vez, compreender de uma forma sistematizada, mas também crítica, as principais respostas para o problema filosófico da definição de arte. Entre os potenciais leitores estão, em primeiro lugar, os estudantes de filosofia do ensino secundário. Desde a entrada em vigor do documento das Aprendizagens Essenciais, a discussão do problema da definição de arte passou a ser obrigatória, pelo que se espera que este livro possa ser particularmente útil a esses alunos, mas também aos professores que queiram ver nele um apoio adicional para a sua leção.

Dada a importância das artes para os seres humanos e dada a sua enorme relevância social, haverá muitas outras pessoas interessadas nas questões da identificação e da natureza da arte, sejam estudantes de vários níveis e áreas, sejam professores, agentes artísticos ou apreciadores de arte em geral. Este livro também é para essas pessoas, pelo que a linguagem adotada procurou ser acessível, mas não estritamente escolar, de modo a chegar a todos.

Ainda que os artistas não precisem de quaisquer teorias da arte para produzirem obras de arte, todos temos algum tipo de necessidade de compreender o que é isso da arte e como distinguir o que é arte do que não é. Assim, talvez o conhecido artista americano Barnett Newman tenha dito apenas uma parte da verdade quando afirmou que «a estética [ou teoria da arte] está para o artista como a ornitologia está para os pássaros». Mesmo que os artistas dispensem as teorias, isso não significa que nós não precisemos delas para compreender o que os artistas criam, tal como estudamos ornitologia para conhecer melhor os pássaros, apesar de os próprios pássaros nada aprenderem com isso.

Este livro está dividido em cinco partes. A primeira trata de esclarecer o problema da definição de arte: Em que consiste o problema? O que torna o problema difícil? Para quê definir arte? Que tipo de definição se pretende? Esta última seção da primeira parte visa apenas dar as ferramentas técnicas para a discussão subsequente. É talvez mais técnica, mas é também das mais curtas. Em todo o caso, pretende-se que seja relativamente acessível.

Na segunda parte apresentam-se e discutem-se as três principais teorias essencialistas (da representação, da expressão e da forma significativa), isto é, as que partem da ideia de que há uma essência da arte e, por isso, visam apresentar uma definição que descreva essa essência.

Essas definições foram o alvo de uma forte reação cética. Os céticos não só consideram não haver uma essência da arte como afirmam tratar-se de um conceito indefinível. Pensam, contudo, que isso não é dramático, alegando que também não precisamos de uma definição de arte para nada. Este é o tema da terceira parte.

Por sua vez, os céticos foram alvo das críticas dos contextualistas, que insistem que o conceito de arte pode ser definido, embora em termos não-essencialistas. As definições não-essencialistas (institucional e histórica) são discutidas na parte quatro.

Por fim, na quinta parte, apresentam-se brevemente algumas alternativas à definição, de modo a não se ficar com a ideia que nada mais há além das definições propostas.

Os capítulos (menos o último) terminam com um pequeno resumo e também com algumas perguntas que convidam os leitores a pensar melhor sobre o que acabaram de ler e a testar por si próprios, a partir de casos diferentes, as definições discutidas. Não faria, pois, sentido acrescentar as respectivas respostas, até porque muitas delas dependem da avaliação crítica que se faça das teorias em causa. A ideia é também seguir o espírito das Aprendizagens Essenciais, na sua articulação com as competências do perfil do aluno, nomeadamente com

as competências de pensamento crítico, pelo que respostas já prontas para essas perguntas equivaleria a dar tudo pensado, correndo-se o risco de incentivar a mera reprodução de respostas alheias.

Agradeço à editora a abertura e o permanente incentivo para a publicação deste livro. A Desidério Murcho agradeço a disponibilidade inacreditavelmente ilimitada para, como de costume, ler e discutir tudo, ajudando-me a melhorar muitas das ideias aqui expostas. Devo ainda um agradecimento especial ao meu amigo Baltazar Torres, pela cedência da sugestiva imagem da capa, que reproduz uma das suas obras de arte. Este agradecimento é extensivo a Maria do Carmo Oliveira e à Puxagallery (Madrid). Ter na capa uma imagem de uma obra de Baltazar Torres é uma enorme satisfação e certamente uma das melhores coisas deste livro. Ao artista Pedro Cabrita Reis agradeço as suas esclarecedoras palavras, que registei de uma interessante conversa com ele em maio de 2019, em Portimão, e que aqui tentei reproduzir a propósito da definição histórica. Agradeço também a autorização para usar as imagens que entendesse de obras suas, como foi o caso de imagem da obra *Central Tejo*. Agradeço ainda a Vítor Guerreiro, pela tradução de um dos textos de Jerrold Levinson não disponível em português, usado neste livro. Também aprendi muito com ele sobre filosofia da arte, em muitas conversas ao longo dos últimos anos. Por fim, não podia deixar de agradecer ao Nuno e à Joana. Nem preciso de dizer porquê.

Críticas à definição histórica

Duas críticas principais podem ser apresentadas à definição histórica de Levinson. Uma delas visa retirar consequências inaceitáveis do critério recursivo proposto por Levinson. Se um dado objeto é arte na medida em que é para ser visto como o foram as obras de arte anteriores e estas como as suas antecessoras, e assim sucessivamente, então ficamos com o problema de explicar a existência da primeira obra de

arte, dado não haver outras obras de arte antes dela que tome como referência. Levinson antecipou este problema e tentou responder-lhe, acrescentando uma condição própria com a estipulação de um critério especial para o caso da obra de arte primitiva. Contudo, isso tem sido visto como um critério *ad hoc*, isto é, um critério que visa simplesmente evitar o problema em vez de o resolver de forma esclarecedora e satisfatória.

A outra crítica principal consiste na apresentação de um tipo especial de contraexemplos, fornecidos pelas falsificações de obras de arte. A chamada arte forjada visa passar por verdadeira arte, havendo da parte dos titulares de obras falsificadas a intenção séria e manifesta de que sejam encaradas como as obras de arte preexistentes o foram. Contudo, não são corretamente classificadas como arte, uma vez descoberta a fraude. Intuitivamente, a falsificação de uma dada obra de arte, por muito perfeita que seja, não é uma verdadeira obra de arte. Mas, de acordo com a definição histórico-intencional de Levinson, as falsificações são arte. Uma resposta possível é manter que, independentemente dos seus méritos artísticos ou qualidades morais, as falsificações são efetivamente arte.